ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

A CIDADE ENQUANTO OBRA; A ARTE DE HABITAR COMO UM POETA: Urbanismo criativo e a (Re) invenção do espaço-vivido na pós moderna cidade do Sol Natal(RN)

Autores:
Geovane de Souza Almeida - UFRN - geovaness@yahoo.com.br

Resumo:

Na contemporânea cidade de Natal/RN, a velocidade dita cotidianamente os novos ritmos de sua expansão e transformação no seu tecido urbano que de maneira ultra acelerada e singular, faz com que todos, mesmo que de distintas maneiras, percebam as transformações, os defeitos e as qualidades da metrópole pós-moderna. A produção do espaço-vivido urbano contemporâneo se dá de maneira exacerbadamente acelerada, modificando significativamente os processos do habitar e o seus diversos desdobramentos territoriais. Diante deste axioma pensar a cidade é pensar na produção do seu habitar através de uma retomada ontológica, com táticas urbanas criativas, poéticas e reinvenção das práticas espaciais cotidianas. É analisá-la como existência, como a maior das obras de arte da humanidade. Para corroborar com esse panorama, o presente artigo, nos orienta a entender que é no espaço-vivido e nos territórios usados, que a história e criatividade do homem se realiza plenamente.

A CIDADE ENQUANTO OBRA; A ARTE DE HABITAR COMO UM POETA:

Urbanismo criativo e a (Re) invenção do espaço-vivido Natal (RN)

RESUMO

Na contemporânea cidade de Natal, a velocidade dita cotidianamente os novos ritmos de sua expansão e transformação do seu tecido urbano que de maneira ultra acelerada e singular, faz com que todos, mesmo que de distintas maneiras, percebam as transformações,os defeitos e as qualidades da metrópole pós-moderna. A produção do espaço-vivido urbano contemporâneo se dá de maneira exacerbadamente acelerada, modificando significativamente os processos do habitar e os seus diversos desdobramentos territoriais. Diante deste axioma pensar a cidade é pensar na produção do seu habitar através de uma retomada ontológica, com táticas urbanas criativas, poéticas e reinvenção das práticas espaciais cotidianas. É analisá-la como existência, como a maior das obras de arte da humanidade. Para corroborar com esse panorama, o presente artigo, nos orienta a entender que é no espaço-vivido e nos territórios usados, que a história e criatividade do homem se realiza plenamente.

Palavras-chaves: Ultra-urbanização; espaço-vivido, obra de arte, habitar, diferenciação sócio-espacial.

1- INTRODUÇÃO

Ao vivenciar e experimentar os muitos territórios da cidade de Natal, encontra-se algumas características de aceleração na sua produção espacial, através de processos velozes e dinâmicos, nunca antes vistos, que modificam drasticamente os espaços-vividos e territorialidades já constituídas. Sendo assim, percebe-se que a cidade passa por um curioso fenômeno, que intitularemos de "ultra-urbanização", - latim *ultra*, além de, do outro lado de - (PEDRAZZINE, 2006) ou urbanização hiper-acelerada, onde quase todos os objetos e ações da cidade se relacionam com a *rede,* com uma retícula mundializada, que preconiza o aprimoramento e ultra-especialização das técnicas de produção espacial e circulação de capital, para o maior domínio metropolitano. E mesmo um espaço territorial diminutamente urbanizado está sob o domínio dessa rede de comando global, pois hoje, cabe aos grandes centros de comando urbano decidir sobre as dinâmicas territoriais e produção do e espaçovivido local (LEFEBVRE, 2001). Este fenômeno não pode seguir seu curso sem exercer

forte influência sobre a produção social dos territórios, e que é muitas vezes, contra sua natureza, sua topografia e seus habitantes. Influência essa que acarreta em significativas transformações espaciais, tecnológicas, psicológicas e comportamentais.

A ultra especialização técnica na atualidade, sentida principalmente pela altissonante dinâmica na comunicação, derrubaram as fronteiras usuais do espaço e do tempo, produzindo um espaço urbano ultra veloz, que gera uma relação global exacerbada, na tentativa de homogeneizar os territórios, o habitar e os costumes urbanos ou na ânsia política de criar uma impressão de unidade urbana, mas que paradoxalmente, causa fragmentações e distúrbios comportamentais desastrosos internamente em cidades e sociedades que ainda se baseiam na estima pelo lugar e no interesse social. Segundo (LEFEVBRE, 2000, p.18):

> "A arquitetura e o urbanismo contemporâneos encobrem essa gigantesca operação. Eles dissimulam os traços fundamentais da cidade, seu sentido e finalidade. Eles ocultam, sob uma aparência positiva, humanista, tecnológica, a estratégia capitalista: o domínio do espaço.". (LEFEVBRE, 2000, p.18):

Na comtemporaneidade, algumas capitais como Natal já sinalizam transformações urbanísticas, morfológicas e psicológicas distintas da concepção modernista de cidade, revelando novos processos de diferenciação socio-espacial. Atualmente, a diferenciação socio-espacial é posta dentro das pesquisas sobre o urbano, como o coração do debate atual sobre a mundialização, há os que se opoem a essa ideia considerando que os espaços se homogeinizaram; de fato, parece que o aumento das trocas no curso da história da humanidade tem tido tendência, sobretudo de produzir diferenças (DICIONÁRIO DE GEOGRAFIA HUMANA, 2003), pois a própria urbanização, e no nosso caso, a ultraurbanização, ela própria é um vetor da diferenciação, no modo capitalista de produção, na medida em que estabeleceu histórica e espacialmente uma divisão interurbana do trabalho que se aprofunda no âmbito das redes. Os processos atuais de produção do espaço urbano ampliam a diferenciação tanto em função da ultra especialização, como em decorrência da segmentação socio-espacial dos territórios urbanos hoje (ESPOSITO, 2011), nos conduzindo a perceber e a diagnosticar um outro espaço-tempo que elencaremos como pós-modernista. Segundo (HARVEY, 2004,p.33):

> "A cidade contemporânea delineia uma transformação por trazer uma nova concepção de sociedade incluída na categoria de "tecido social urbano", que mistura formas dentro de uma visão fragmentária. O espaço, nesse sentido, deixa de ser visto como algo a ser moldado para ser entendido como um espaço com objetivos compostos de princípios estéticos que se sobrepõem a proposições sociais. O pós-modernismo procura de todas as formas, dentro da proposição de urbanismo, descobrir maneiras de manifestar uma estética da diversidade, o que de outro lado pode resultar em problemas,

pois os grupos urbanos apresentam, também, diferentes "[...] culturas de gostos [...]" (HARVEY,2004, pg. 33)

Essa atual fase de produção do espaço urbano ultra veloz, reticular e fragmentado que Natal e seus citadinos, em níveis diferentes, vivenciam, representa um dos mais evidentes sinais do fenômeno de ultra-urbanização, pois essas cidades pós modernas caracterizam-se essencialmente pela descontinuidade do tecido urbano e por uma ultra especialização das técnicas de produção do espaço, que permitem uma abertura nunca antes vistar da retícula urbana e que contribui para outras formas de controle e agenciamento dos territórios por parte do Estado sobre os indivíduos (Prévot schapira, 2001); é também composta por príncipios estéticos que divergem do conceito reducionista do habitar e de suas preposições sociais básicas como: habitar da forma que melhor lhe convenha – habitar como um ser de infinitas capacidades criativas e inventivas e não desrespeitando os diferentes gostos culturais e experiências comportamentais subjetivas dos individuos.

Um dos efeitos mais conhecidos do processo de fragmentação é dado pela perda de unidade dos espaços urbanos, divididos e cada vez mais afastados. Contrariamente a uma visão de conjunto do território urbano, os espaços públicos tendem a privatização para atender as exigências da circulação e acumulação do capital, pois nas cidades comtemporâneas, a circulação é mais criadora que a produção. (SANTOS, 2012). Natal, por possuir caracteristicas socio-econômicas eminentimentes de circulação de bens e serviços como foco de sua produção, a sua diferenciação socio-espacial possui caracteristicas semelhantes, em sua escala intraurbana, como nos bairros de Capim Macio e Ponta Negra, exemplos significativos da privatização do espaço público para atender aos dominios do mercado e circulação finaceira.

Nas últimas décadas, observamos um forte dinamismo na ampliação, e, diferenciação socio-espacial na cidade de Natal por conta da abertura da retícula urbana e fomento subastancial dos espaços construídos fragmentários. Fixos que se tornaram morfologias simbólicas do progresso; fruto da ânsia dos gestores natalenses pelo desenvolvimento veloz, e, que necessáriamente não trouxeram melhorias significativas para o indivíduo e vizinhança , como: a Ponte Newton Navarro total descaso com a comunidade de Brasilia Teimosa e com a propria manutenção da ponte; a coqueluche dos condomínios fechados dando ênfase ao Alphaville, pois é um exemplo claro de auto-segregação diante da comunidade do Pium; o frenesi capitalístico gerado pelos monunentais shoppings e a elitização do Natal Shopping e o intrigante caso das passarelas urbanas , passarelas de Neópolis, Natal shopping, Centro Administrativo, e do supermercado Extra.

A privatização do espaço público equivale a sua deteriorização e consigo a aniquilação das diversificadas experiências criativas do habitar. Em vista de facilitar a tarefa dos orgãos públicos pela urbanização da cidade, os gestores e intelectuais do urbano, desde os anos noventa estão mais fortemente impenhados na iniciativa de "destruição do espaço público",

apoiada amplamente pelos poderes públicos. Destruir o caráter público da cidade era prática corrente, assim como hoje é comum eliminar os espaços públicos no sentido político.

Referindo-se a o conceito de experiência (PONTY, 2005. p.205) afirma que :

> "A experiência revela-se sob o espaço objetivo, no qual finalmente o corpo toma lugar, uma espacialidade primordial da qual a primeira é apenas o invólucro e que se confunde com o próprio ser do corpo. Ser corpo, e estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não esta primeiramente no espaço: ele é no espaço. (PONTY, 2005, p. 205).

Pois pensar a cidade é pensar na produção do seu espaço através de uma retomada ontológica das experiências criativas e ativas. É analisá-la como existência, como obra humana (LEFEBVRE, 2001). Para corroborar com esse panorama, o Geógrafo Milton Santos nos orienta a enterder que é no território que a história do homem se realiza plenamente. O territorio é gereador de raízes e indentidades, é nele que as experiências e relações sociais se materializam, e essa materialização das relações sociais indica a espacialização do comportamento (SANTOS, 2012). Sendo assim, podemos considerar os mais diversos territórios que compõem a cidade de Natal, e está como um das mais expressivas obras de arte humana? Pergunta inquietante que tentaremos responder pensando sobre a pespectiva do binômio habitar-habitat. Este último designa um pseudo conceito, que no final do século XIX, surge enquanto pensamento urbanístico, redutor, que, simbolicamente e pragmaticamente põe de lado o habitar. (LEFEBVRE, 2001). Ele concebeu no modernismo funcionalista, ao habitat, função simplificada, restrigindo o ser humano a alguns atos elementares: comer, dormir, reproduzir-se.

Segundo (LEFEBVRE, 2001):

> "Foi preciso uma reflexão metafilósofica, de Nietzsche e de Heidegger para tentar a restituição desse sentido: o habitar. O habitat chegava inclusive a reprimir as características elementares da vida urbana: a diversidade das maneiras de viver. O habitat foi instaurado verticalmente, aplicação de um espaço global homogêneo e quantitaivo obringando o vivido a encerrar-se em caixas, gaiolas, ou "máquinas de habitar"". (LEFEBVRE, 2001, pg.81)

Lefebvre segue nos orientando a pensar, ainda hoje, a cidade como obra de arte e diz que é necessesário ir aquém do vivido do habitante em direção ao não conhecido e ao desconhecido da cotidianidade em direção a de uma teoria geral da filosofia e metafilosofia. Quando Heidegger assinalou o caminho ao comentar as palavras esquecidas ou imcompreendidas de Holderlin: "o homen habita como um poeta". Isso quer dizer que a relação do ser humano com a natureza e com sua própria natureza como o "ser" e seu proprio ser, reside no habitar, nele se realiza, nele se lê. (HEIDEGGER,1990,p.230)

Neste sentido (LEFEBVRE, 2001) ainda comenta:

> "O ser humano não pode deixar de edificar e morar, ou seja, ter uma morada onde vive sem algo a mais ou a menos que ele próprio: sua relação com o possível e com o imaginário[a casa como linguaguem é um dos aspectos complementares do ser humano] "(LEFEBVRE,2001,pg.81)

A perspectiva da produção da cidade de Natal, enquanto obra de arte, deveria ser visto com maior importância e minuciosidade pelos pensadores e planejadores do espaço urbano natalense, quando estes, implementam e implantam seus projetos urbanísticos; inclusive, tornariam-se mais conscientes da importância das indiossincrasias do espaço-vivido. Uma reconsideração a respeito da importância da produção do espaço e dos territórios, através da potência transformadora, das experiencias criativas e atos poéticos dos individuos e de seus comportamentos mais intimamente subjetivos, provavelmente conduziria os técnicos a elaborar planos urbanos e politicas públicas menos fragmentárias, menos desordenadas e mais compatíveis com o espaço-vivido.

Corroborando com a noção de ato poético (BACHALERD,1984) comenta:

> "Pode-se certamente, nas pesquisa psicológicas dar uma atenção aos métodos psicanalíticos para determinar a personalidade de um poeta, podese encontrar assim uma medida para as pressões – sobretudo para opressão - a que um poeta teve que se submeter no decorrer da vida, mas o *ato poético,*a imagem súbita, - a chama do ser na imaginação- escapam a tais indagações. Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma - fenomenologia da imaginação - . Está seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade". (BACHELARD, 1984, pg. 184)

Na última década, Natal tem se transformado em um significativo lócus da atuação do capital global e símbolo da unicidade técnica global na região Nordeste, passando por uma transformação acelerada do seu espaço intra-urbano. Essa unicidade técnica de produção espacial evidencia caracteristicas de um conceito contemporâneo de descontinuidade do tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, "colagens" e "assemblagens" (HARVEY. 2004) de usos correntes, muitos dos quais são efêmeros como coisa independente e autônoma a ser moldada segundo objetivos e principios estéticos que não tem necessariamente relação com as multifacetadas realidades do espaço-vivido, desconsiderando a imaginação dos usuários, seus atos poéticos sobre e na cidade e suas imagens poéticas; e não cumprindo um objetivo social humanista.

Para (ESPOSITO, 2011):

> Com a unicidade técnica em movimento dialético com a unicidade do tempo, todos os espaços se articulam, de fato ou potencialmente; essas tendência coloca todos os lugares, todas as pessoas, todas situações em comparação (ESPOSITO, 2011, p.129)

Essa forma contemporânea de planejar o espaço urbano, pautada na velocidade e na ultra dinamização da produção e transformação do espaço, fragmenta os territórios, desterritorializa os usuários e gera distúrbios nas relações de pertencimento, familiaridade e senso de urbanidade. O conceito de urbanidade refere-se ao modo como espaços e os territórios da cidade acolhem as pessoas. Espaços com urbanidade são espaços hospitaleiros. O oposto são os espaços inóspitos ou de baixa urbanidade. Vivemos em cidades onde o espaço público é cada vez mais inóspito, marcado por grades nas fachadas de prédios, extensos muros contornando introvertidos condomínios, mega shopping-centers/ mega estacionamentos e, a pior parte, as áridas rodovias urbanas.

Segundo (AGUIAR, 2012):

> "A urbanidade é composta, portanto, por algo que vem da cidade, da rua, do edifício e que é apropriado, em maior ou menor grau pelos corpos. A urbanidade, assim entendida, estaria precisamente nesse modo de apropriação da situação pelas pessoas, seja na escala do edifício, seja na escala da cidade. Urbanidade não é sinônimo de vitalidade, no sentido de presença de pessoas, embora possa incluí-la. Nesse contexto o corpo naturalmente é o parâmetro. A medida da delicadeza ou não, a civilidade é demonstrada pela conduta do corpo, individual; em sua presença, em sua ausência, em sua postura. Ou seja, a urbanidade está no modo como essa relação espaço/corpo se materializa. (AGUIAR, 2012, p 4)

Na cidade do Natal, o impulsionante crescimento e a ânsia por partes dos atores hegemônicos pelo progresso e hiper circulação de capital, gera perceptivelmente espaço com territorialidades enfraquecidas, de baixa urbanidade. Percebe-se, ao andar nas ruas, a débil urbanidade oferecida pelos planejadores. Encontram-se obras de infra-estruturas como: passarelas em locais poucos funcionais, de péssima acessibilidade e iluminação, paradas de ônibus mal sinalizadas e ineficazes, pois não protegem os transeuntes da chuva e nem do sol, estruturas de cornubação urbana como o viadutos construídas em tempo record descontextualizadas do entorno, a "coqueluche alphaville" [1] e as arquiteturas monumentalistas como: shoppings , pontes e estádios, são exemplos evidentes de uma nova concepção de reprodução espacial na cidade do Natal, despreocupadas com a salubridade dos territórios. A intensa aceleração dos processos de urbanização que passa a cidade do Natal distancia os planejadores e seus planejamentos urbanos da fundamental necessidade de

[1] O projeto alphaville Natal teve todos o seus imóveis vendidos em menos de 15 horas depois da abertura das vendas – fragmentação através da velocidade no consumo. Fonte: Intertv cabugi ,jun 2009. fr

maior urbanidade para o espaço-vivido, que contemplem a ricas e diversas obras e leituras psicológicas, comportamentais e morfológicas espaciais humanas, realizadas pelo indivíduo na produção do seu habitar.

Para corroborar com a reflexão (CLAVAL, 2001) diz:

> "Devido a constatação de que existe uma diversidade na realidade, e estas organizam o mundo socialmente, e ainda, a vida dos grupos humanos vão para além da materialidade descrita pelos geógrafos da geografia clássica. Estas vidas são regidas e tem expressões de diferentes processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informações e ideias. Assim, as relações dos homens com seu meio ambiente são também psicológicas e sóciopsicológicas." (CLAVAL, 2001, p 45)

Neste sentido, o aprofundamento do artigo nos estudos das relação pessoa-ambiente e seus respectivos comportamentos e interações psicológicas com a cidade, surge na tentativa de compreender melhor como o indivíduo reage, produz e dinamiza o seu habitat e o seu habitar, diante da acelerada de urbanização que passa e cidade do Natal.

Neste sentido (MONBEIG, 1950, p 17) diz:

> E está a importância dos fatos psicológicos que os geógrafos e urbanistas devem tomar para o tema de pesquisa. Que façam com extrema prudência e sem prejuízo do rumo tradicional de suas investigações, [...] porque cada vez mais me convenço da profunda complexidade dos conjuntos geográficos, complexidade que provém do lugar neles ocupado pelo grupo social. Sem este, tudo seria mais simples, mas este é o sal da terra". (MONBEIG, 1950, p 17)

Sendo assim, trazemos à tona idéias, reflexões epistemológicas da Geografia cultural, como propostas topofílicas de percepção e relação pessoa-ambiente para que seja possível entender o quanto o indivíduo que participa da produção do seu habitar-habitat, como ele percebe o seu espaço, como andam suas sensorialidades, posicionamento, orientação, mobilidade, acessibilidade dos indivíduos (corpo), diante do acelerado e desordenado processo de ultra-urbanização que Natal passa nos últimos dez anos. Esta forte relação dialética[2] entre corpo e espaço possui forte relevância para a evolução dos estudos.

Diante desta concepção dialética do espaço. (SANTOS, 1988) afirma que:

[2] Para ir além das aparências e atingir a essência, a dialética não estuda o todo abstraído das partes, nem as partes separadas do todo. Ela parte do todo para pensar as contradições e as articulações entre as partes, tentando reconstruir o todo. Além da dimensão imediata do objeto, existe uma dimensão mediada. (KONDER, 1981, p. 40).

> O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento. [...] O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social". (SANTOS.1988, p26)

A relevância dialética entre corpo e espaço-vivido e suas interações psicológicas e comportamentais na produção do habitar, possui o intuito de evidenciar que o corpo está presente na criação do seu próprio mundo espacial. Ele não é o meio fisiológico a serviço da intelecção: "nosso corpo não é um objeto para um 'eu penso': é um conjunto de significações vividas" (PONTY, 2006). A sensorialidade e os sentidos como: visão, olfato, paladar, audição e tato são largamente estudados nos compêndios da psicologia e percepção ambiental, como importantes meios de compreensão, orientação e relacionamento do homem com o meio. Em seu importante trabalho, (MONTAGU, 1986), afirmou que nós ocidentais, estamos tentando resgatar os sentidos negligenciados e que estamos tomando, de forma crescente, consciência da dolorosa privação das experiências sensoriais que sofremos em nossas cidades em função de planos urbanísticos que fragmentam e desestimulam a maior participação do corpo na produção do seu espaço vivido "pois, as experiências do corpo nos ensinam a enraizar o espaço na existência" (BICUDO, 1999).

2- ESPACIALIDADES EXISTENCIAIS: A *práxis* como tática para (Re) invenção do espaço-vivido.

A perspectiva de produção do espaço urbano enquanto obra e reinvenção do espaço vivido e habitar, deve ser vista com urgência pelo o Estado realizador do espaço concebido urbano comtemporâneo, quando estes pensam e implantam seus projetos urbanísticos. Pois o espaço vivido e o habitar, não podem ser reduzidos apenas a uma localização, ou as relações sociais da posse da propiedade – eles representam uma multiplicidade de preocupações psicosocio-materiais. O habitar e seus respectivos territórios são localizações físicas, peças de bem móvel e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental do Ser. Eles são, ao mesmo tempo, o local geográfico da ação e possibilidade social de engajar-se na ação. Isto é, num plano individual, por exemplo, eles não só representam o local onde ocorrem os eventos, mas também significa a permissão social de engarjar-se nesses eventos.

A ação, o "fazer-se" nos sinaliza noções, estratégias e táticas urbanas de como realizar leituras e interpretações do espaço vivido enquanto obras de arte das experiências práticas dos indivíduos, das materializações de suas existências, da aplicabilidade de suas técnicas corporais singulares, suas totalizações em curso, ou seja, a concretização de sua *Praxis ("a empresa de cada homem") (SARTRE,1980).* Revisitar a noção de *práxis* é imprescindível para o avanço nos estudos espaciais na melhor compreensão da produção espacial: pois é na práxis cotidiana, no *retomar* do espaço que podemos aguçar nossa compreensão e produção deste. Essa é a ideia fundamental para enterdermos e instrumetalizarmos a noção de *práxis* em

(LEFEBVRE in GOTTIDINER, 2003) , que revisitando as categorias de análise espaciais, revigora o conceito de espaço que no século XX ganha novo status, prismando em meados dos anos 70 o fenômeno do *spatial turn:* que é a retomada dos estudos espaciais de maneira crítica e vigorosa no establishment acadêmico onde, outrora, a reflexão epistemológico-filosófica e hermenêutica não propiciavam um eixo, a uma ciência que há muito tempo se procurava através de um número imenso de publicações e trabalhos: a ciência do espaço.

A práxis (em grego: "ação") é presença constante no marxismo e indica a preocupação dessa corrente do pensamento em escapar à contemplação teórica e ser predominantemente prática. Em sentido geral, a práxis se identifica com a vida humana mesmo: agimos pelo simples fato de participarmos da vida prática da sociedade, de termos um emprego, de consumirmos, de constituirmos família, etc. Até a recusa da ação é práxis: contribuímos pela inércia, para manter o estado das coisas como está. (PERDIGÃO in MARX. 1995).

Se espaço vivido não significa a mesma coisa para todos, tratá-lo como se ele fosse dotado de uma representação comun, significaria uma espécie de violência contra o indivíduo e, consequentemente, as soluções fundamentadas nesta ótica seguramente não seriam aplicavéis. Essa tendência representa, de certa maneira, uma tentativa de ruptura com o economicismo refletido no espaço concebido estatal e uma forma de restituição e reinvenção dos valores e *práxis poéticas* individuais e coletivas, corporais e comportamentais. A atual restruturação politico-espacial nos motiva a produzir e retomar o espaço vivido e os territórios, através de praxis sociais que deixem de superestimar o viés economicista e que reduzam o poder avassalador do capitalismo global e fomentem a justiça social. (CAPEL, 2000)

Os filósofos e os geógrafos, arquitetos e urbanistas há séculos têm tendido a oscilar entre essas ilusões derfomadoras, obscurecendo dualisticamente a visão de uma construção problemática e imbuída de poder das geografias; espacialização envolvente e instrumental da sociedade. Romper com este vínculo implica uma luta ontológica pela restauração da espacialidade existencial e poética significativa para o ser e para uma nova consciência humana, pela composição de uma ontologia e práxis social em que o espaço vivido e o habitar tenham importância desde o mais remoto começo resgatando uma espécie de *geofilosofia primordial.* Na qual, a existência e espacialidade combinam-se através de atos intencionais e criativos inerentes ao ser-no-mundo, ao estabelecimento de relações e ao envolvimento; essa espacialidade existencial dá ao ser um lugar um posicionamento dentro do mundo vital (SOJA, 1993). É diante deste panorama que elencamos a importância visceral das novas práxis espaciais para produção e restruturação e reinvenção; através da melhor compreensão das formas simultanêas de um espaço- vivido existencial, das práticas espaciais, dos comportamentos e dos processos transformadores destes. Pois o espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, tem um papel na realização social.

3- PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Para confecção do artigo fez-se de distintas e interdisciplinares referências envolvidas com o tema. Autores como Lefebvre (1980,2001, 2008,), Harvey (2004, 2005); Santos (2002, 2008) e Choay (2000), entre outros, que foram consultados para melhor compreensão da urbanização e urbanismo contemporâneos e os inúmeros processos de produção, reprodução e reinvenção do espaço- vivido e do habitar. Em relação às discursões a serem feitas acerca de conceitos como: psicologia ambiental, geografia cultural e comportamental, percepção ambiental, urbanidade e relação corpo-espaço, contamos com o suporte de referências como Claval (1999), Ponty (2006), Aguiar (2012), Monbeig (1950) e Montagu (1986).

Todo fenômeno possui várias escalas e no urbano não é diferente. A escala do corpo e suas relações com o espaço vivido versus espaço construído foi a principal categoria de análise do artigo, pois pensamos que a categoria "espaço-vivido e ambiente construído (espaçoconcebido) deve ser vista com maior protagonismo entre os planejadores do espaço. Para o pesquisador do ambiente construído, o que interessa como afirma (Netto, 1999) é o significado do modo de organizar o espaço e a maneira de como ele é percebido (recebido e sentido) pelo homem e pela sociedade. As pesquisas do ambiente construído abordam a relação do comportamento humano no espaço que após a revolução industrial estes estudos se voltaram para o comportamento do homem "moderno" frente aos avanços tecnológicos e a novas maneiras de viver.

4- REFLEXÕES SOBRE O IMPACTO DA GLOBALIZAÇÃONA CIDADE CONTEMPORÂNEA: O LUGAR COMO TERRITÓRIO DA IMAGINAÇÃO

A globalização é invasora, e invade avassaladoramente o horizonte econômico, político, social e cultural e espacial de nossa época. É em seu nome que os governos empreendem intermináveis e perigosas reformas no espaço concebido funcionalista estatal, até então, nem imaginadas. Ela constitui o núcleo da nova ortodoxia, sinal de reconhecimento recíproco das elites do poder do mundo comtemporâneo. Pensamento único, política única, cultura única pretendem representar de modo único toda humanidade, seu futuro, seu passado histórico reavaliado: a globalização, nova iniciação aos mistérios do poder. Gente de esquerda ou de direita pode se satisfazer com ela. (VERGOUPOULOS, 2005). A globalização serve de suporte teórico para prática de desagregação das sociedades, retrocesso das economias e e desestabilização do sistema mundial.

A pós-modernidade, a pós-modernização e o pós-modernismo parecem agora, ser meios apropiados de descrever a restruturação cultural, política e teórica comtemporânea, bem como de destacar a reafirmação e reestruturação do espaço concebido estatal e privado que está complexamente entremeada com ela. Surge uma nova restruturação urbana e regional do mundo na pós-modernidade. Nasce uma geografia e urbanismo regional mais concreto e multifacetado, para exemplificar o advento de um novo regime de acumulação capitalista flexível, por mais paradoxal que pareça, tenta unificar e homogeinezar tudo e todos

para ser falsamente flexível. Mas flexível para quem?, tensamente baseado num arranjo espacial global restaurador, instavelmente ligado ao tecido cultural global.

Implícita, nesta concepção, faremos uso da noção e categoria de análise espacial o conceito de: Lugar - para refletirmos mais profundamente acerca da reinvenção do espaço vivido. O lugar é por excelência, centro difusor de potências criativas singulares, atos poéticos e imagens poéticas autóctones e são estes valores existenciais que devem ser conservados e multiplicados para ajudar as sociabilidades locais diante do vigente paradigma global de produção do espaço de forma desagregadora e nociva, que orbita em torno das relações de poder. Pois, mais importante do que analisar as formas e os níveis dessa articulação, é saber em função de que ordem sociopolítica ela foi construída. O lugar é o território da imaginação.

O arquiteto Norberg-Schulz busca na filosofia grega uma reflexão sobre o conceito de lugar. Para os gregos cada lugar era regido por um deus, genius loci, ou o espírito do lugar. Os homens, a princípio, não conceberam os deuses como divindades zeladoras de toda a raça humana; pelo contrário, acreditavam que cada divindade pertencesse a um determinado povo e localidade.

Para (NORBERG-SCHULZ,2010,P.23):

> Nós temos usado a palavra 'habitar' para indicar a relação total homemmeio. […] quando o homem habita, ele está simultaneamente locado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas, podem ser chamadas "orientação" e "identificação". Para ganhar o suporte existencial o homem tem que ser capaz de orientar-se; ele tem que saber onde ele está. Mas também ele tem que identificar-se com o meio, isto é, ele tem que saber como ele está num certo lugar" (NorbergSchulz, 2010, p23)

Além da primeira natureza do papel do lugar na produção, a organização espacial na pós-modernidade também possui uma segunda natureza. Esta figura nas relações sociais globais de produção, mais especificamente, é em parte por meio do espaço que a sociedade se reproduz (LEFEBVRE, 1973 in GOTTIDIENER, 1993). As coêrencias da ordem espacial controlam as contradições inerentes ao capitalismo, em benefício dos interesses predominantes na sociedade. Portanto, o capitalismo enquanto modo de produção global sobreviveu, em parte, por seu uso do espaço como reforçador daquelas relações sociais necessárias a está sobrevivência. Em suma, as propiedades dialéticas das relações espaciais se articulam com as propriedades exteriorizadas do modo de produção em inúmeros níveis, de maneira inteiramente ignorada pelos economista políticos marxistas – os quais reduzem as propiedades do espaço apenas oa ambiente construído. A questão do controle sobre as relações, o design e morfologias espaciais, portanto, tem para sociedade a mesma importância revolucionária, pela luta, pelo controle de outros meios de produção, porque tanto as relações de posse quanto a exteriorização material – isto é a produção de lugares – estão unidas nas relações de propiedade que formam a essência do modo capitalista de produção.

Faremos uso do conceito de acontecer solidário entre os lugares, solidariedade (SANTOS , 2002) que aqui, não tem conotação moral, chamando atenção para realização compulsória de tarefas comuns, mesmo que o projeto não seja comum. Esse acontecer solidário, entre pessoas, entre lugares, espaço vivido e o habitar, se apresenta sob três formas no espaço urbano atual: um acontecer homólogo, um acontecer complementar e uma acontecer hierárquico.

O acontecer homólogo é aquele das áreas de produção agrícola ou urbana, que se modernizam mediante uma informação especializada, gerando contiguidades funcionais. Ao acontecer hierárquico é resultante das ordens e da informação provenientes de um lugar e realizando-se em outro, como trabalho. É a outra cara do sistema urbano. Não é que haja um comandando o outro, senão como metáfora. Mas os limites à escolha de comportamentos num lugar podem ser devidos a interesses sediados em um outro. (SANTOS, 2002) Isso nos mostra um pouco da nova configuração global pós-moderna.

O acontecer homólogo supõem uma extensão contínua, entre a cidade e o campo, sendo a contiguidade o fundamento da solidariedade. Já no caso do acontecer hierárquico, as relações podem ser pontuais. Aqui, a solidariedade independe da contiguidade. É a diferença entre a proximidade espacial e a proximidade organizacional. No primeiro caso, a co-presença é uma causa ou efeito da ação. No segundo, trata-se de tele-ação (guiada à distância, imaterial), aquela presença de corpos ausentes. No primeiro caso criam-se o que chamamos de *horizontalidades,* que são extensões formadas de pontos se que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região, e, no segundo caso chamamos de *verticalidades,* que são pontos no espaço, que separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia, esses são os novos recortes regionais territoriais na era da globalização. (SANTOS, 2002).

A globalização impacta vigorosamente as esferas econômicas, social, política e cultural, mas também, a organização espacial urbana que tanto reflete, como condiciona essas esferas. Em outras palavras, a globalização impacta, ainda que desigualmente, as formas, funções e os agentes sociais, alterando-os em maior ou menor grau e, no limite substituindo-os totalmente. Trata-se de uma reestruturação pós-modernista espacial, que se manifesta, plano mais geral, na recriação das diferenças entre os territórios globais e centros urbanos, assim como nas articulações entre ambos e entre os centros.

Devemos repensar a globalização e a produção espacial global e local, através da revolução das artes do fazer de uma práxis espacial existencial. Ação de retomar e de decifrar os espaços enriquece as possibilidades de melhor compreender e saber, comportar-se nesta desafiante e pós-moderna reestruturação global dos espaços. A práxis requer um componente espacial, que é necessário apossar-se de um espaço e controla-lo (territorialidade) ao mesmo tempo em que se fazem os outros confiscos no interesse da luta de classes. (LEFEBVRE, 2001). Isso requer uma certa audácia, uma compreensão de que a transformação radical da sociedade pode ocorrer em qualquer época, porque existimos no espaço.

CONSIDERAÇÕES

Não é necessário partir para revolução. As forças de expropriação e repressão se exteriorizam nas formas de espaço, e esse espaço abstrato de dominação politico-econômica, existe em toda parte. Sendo assim, Lefebvre não está interessado apenas em transformar a vida cotidiana, como afirma Castells – está preocupado em nos mostrar e orientar o pensamento neomarxista, a reconhecer o papel crítico que as relações de propriedade desempenham na sustentação de sistema capitalista, tanto quanto a necessidade que tem atividade radical de produzir um espaço próprio, ao mesmo tempo em que intervém estrategicamente nos interesses das lutas de classes. A transformação da vida cotidiana deve prosseguir com a transformação radical do espaço, pois uma está vinculada com a outra.

Outro ponto que nos instiga enquanto pesquisador é o movimento de reafirmação do espaço na teoria social crítica, pois durante meados dos século XIX e princípios do século XX, a visão obsessiva da história em quanto a mais forte das fontes emancipatórias do ser, e o historicismo em enquanto ferramenta incontestável do materialismo; silenciou as teorias relevantes do espaço. Mas será que podemos propor uma totalidade histórica sem considerar sua conexão visceral com uma totalidade espacial? Dificilmente. Pois o ser histórico necessita existir em um topos, através de suas práxis material individual, existir é geografizar-se. O existencialismo Hediggeriano e Sartriniano foi fundamental para Henri Lefebvre e Milton Santos conectar a geografia, o urbanismo e a filosofia existencialista, e perceber que os o espaço vivido e seus respectivos habitares, são realizados ponto a ponto, dia-a-dia, cotidianamente, numa fenomenologia em que sujeito, pesquisador e objetos não se separam, onde o espaço deve ser retomado, decifrado, percebido, lido. Existe, sem sombra de dúvidas, uma intersecção vital entre tempo-espaço, geografia-história, e é esta noção rizomática, não hierárquica entre estas dimensões e ciências, que mais contribui na pós-modernidade para um enriquecimento destas ciências ditas do espaço e seus desdobramentos práticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Souza Geovane. RIBES, Christel. A capoeira como estratégia e tática no benefício da saúde e ócio criativo: a multifuncionalidade de uma arte na cidade de Nova Cruz-RN, PPGAU/UFRN - ECOL/UFRN.Natal;2017

ALMEIDA, Souza Geovane. Espaços de esperança como (Re) vitalizadores de urbanidades: Reestruturação de territórios urbanos por meio de práticas espaciais criativas em Natal –RN. Seminário Internacional UrbiCentros V. CNPQ.UFPB, João Pessoa.2016

ALMEIDA, Souza Geovane. Espacialidades e Percalços da urbanização na Contemporaneidade: o caso da Avenida Engenheiro Roberto Freire.Dissertação de mestrado no Departamento de Pós-Graduação em Geografia – PPGE. Natal-RN,2015

BICUDO, M. A. V. Contribuição da fenomenologia Educação. In: BICUDO, M.A. V.; CAPPELLETTI, I.F. (orgs). Fenomenologia**:** uma visão abrangente da educação**.** São Paulo: Olho d'Água, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (re) produção do espaço urbano. São Paulo: EDUSP, 1994. 270p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. São Paulo: Contexto, 1999.

CAPEL, Horácio. A morfologia urbana na Espanha. editotara Los libros de la frontera. Barcelona . 1973.

CHOAY, Françoise. O Urbanismo. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CLAVAL, Paul. A Geografia cultural. Florianópolis. Editora UFSC.1999

DEL RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: Pini, 1990. 198 p. Evolução urbana de Natal em 400 anos 1599-1999. Natal: Prefeitura Municipal de Natal, 1999. 157 p.

GOTTIDIENER. Mark. A produção social do espaço urbano. Edusp. São Paulo. 1993

HALL, Peter. Cidades do amanhã. (Trad. Pérola de Carvalho). São Paulo: Perspectiva, 1995.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. 7. Ed. São Paulo: Loyola, 2004

HEIDEGGER, Martin. "Language". In: *Poetry, language, thought*. 1971, p. 97-99. *Apud* NORBERG-SCHULZ, Christian. *Op. cit*., p. 10._____. A Produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablune, 2005.

JACOBS, J*. The death and life of great american cities.* London: Jonathan. 1961

JAMESON,Frederic.Marxismo e Pós-modernismo In: JAMESON,Fredric.Espaço e imagem**:** Teorias do pós-moderno e outros ensaios. Rio de Janeiro: UFRJ,2004.

KONDER, L. O futuro da filosofia das práxis: pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KOSIK, Karel. A dialética do concreto.Rio de janeiro.Paz e Terra.1976

LEFEBVRE. Henri. A Produção do Espaço. Editions anthropos. Paris. 2000.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Da cidade à sociedade, níveis e dimensões, a ilusão urbanística . Belo Horizonte: UFMG. 2004.

LEFEBVRE, Henri. Espaço e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEME, M. C. da S.. (coord.). Urbanismo no Brasil 1895-1965. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.

LIMA, Pedro de. Natal século XX: do urbanismo ao planejamento urbano. Natal: EDUFRN, 2001. 190 p.

MARX, Karl. O Capital – livro 1 volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

M.-F.Prévot Schapira. "fragmentación espacial y social: conceptos e realidades", in Perfileslatinomaricanos , n, 19, México,Flacso, 2001

MONBEIG, Pierre. Complexidade em Geografia Humana, O Estado de São Paulo 9-16-04 1950.

MONTAGU,Ashley. Tocar: o significado da pele. São Paulo : Summus, 1986.

MUNFORD, Lewis. A cultura das cidades. 8. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia,1961.

Metodologias de pesquisa no Ambiente Construído:
http://www2.dbd.pucrio.br/pergamum/tesesabertas/0210306_04_cap_04.p .pesquisa

NATAL. Lei 3.175/1984. Dispõe sobre o Plano Diretor de Organização físico-territorial do município de Natal e dá outras providências. Diário Oficial. Natal, 29 de fevereiro de 1984.

PERDIGÃO.Paulo, Existência e Liberdade: Uma introdução á Filosofia de Sartre- Porto Alegre : L e P . 1995

PONTY, Maurice Merleau. A fenomenologia da percepção. 3. Ed. São Paulo: Martins fontes, 2006.

SANTOS. Milton. A natureza do espaço. 5. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOJA.Edward W, Geografias Pós-Modernas.1.Ed.Rio de janeiro.ZAHAR.1989.

SOMMER, ROBERT. (2002). O desenvolvimento e a aplicação dos conceitos de espaço pessoal. In V. Del Rio, C. R. Duarte, & P. A. Rheingantz (Orgs.), *Projeto de lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo* (pp. 19-29). Rio de Janeiro: Contra Capa/PROARQ

TSCHUMI,Bernard. Arquitetura e seu duplo.revista design arquitetural. N 2.1978

VENTURELLI, Suzete. Arte-espaço-tempo-imagem. Brasília. editora:UnB.2004

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. In: DÉAK, Csaba e SCHIFFER, Sueli R. (Org.) O Processo de Urbanização no Brasil. São Paulo: Edusp, 1999, p.169-243.